



## A Importância da Intervenção Precoce no Desenvolvimento de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Impactos Neuropsicológicos e Educacionais

### *The Importance of Early Intervention in the Development of Children with Autism Spectrum Disorder (ASD): Neuropsychological and Educational Impacts*

**Carolina Rebelato Paludetto Celestrini**

*Centro Internacional de Pesquisa Integralize. <https://lattes.cnpq.br/8734929551823806>*

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação social, interação e padrões restritos e repetitivos de comportamento. A heterogeneidade do TEA torna essencial o diagnóstico e a intervenção precoce para o desenvolvimento integral das crianças afetadas. Este estudo destaca a importância da intervenção precoce, especialmente por meio da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), para promover ganhos cognitivos, comportamentais e sociais. A plasticidade cerebral nos primeiros anos oferece uma janela estratégica para maximizar esses efeitos, refletindo na qualidade de vida, autonomia e inclusão social das crianças. Além disso, enfatiza-se o papel do diagnóstico oportuno, da avaliação neuropsicológica contínua e do envolvimento ativo da família. No contexto brasileiro, o fortalecimento das políticas públicas, a expansão do acesso a terapias qualificadas e a articulação entre saúde, educação e assistência social são fundamentais para a efetividade das intervenções. Desafios regionais, estruturais e de capacitação profissional ainda persistem, reforçando a necessidade de investimentos contínuos para garantir atendimento inclusivo e de qualidade. Investir em intervenções baseadas em evidências científicas representa um caminho imprescindível para a plena participação social e desenvolvimento das crianças com TEA.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; intervenção precoce; Terapia ABA; avaliação neuropsicológica.

**Abstract:** Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by persistent deficits in social communication, interaction, and restricted, repetitive patterns of behavior. The heterogeneity of ASD makes early diagnosis and intervention essential for the comprehensive development of affected children. This study highlights the importance of early intervention, especially through Applied Behavior Analysis (ABA), to promote cognitive, behavioral, and social gains. Brain plasticity during the early years offers a strategic window to maximize these effects, impacting children's quality of life, autonomy, and social inclusion. Additionally, the role of timely diagnosis, continuous neuropsychological assessment, and active family involvement is emphasized. In the Brazilian context, strengthening public policies, expanding access to qualified therapies, and improving coordination among health, education, and social assistance sectors are fundamental for effective interventions. Regional disparities, structural limitations, and professional training gaps persist, underscoring the need for ongoing investment to ensure inclusive and quality care. Investing in evidence-based

interventions is essential to promote full social participation and development of children with ASD.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder; early intervention; ABA therapy; neuropsychological assessment.

## INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição complexa do neurodesenvolvimento que afeta significativamente a comunicação social, a interação interpessoal e está marcado por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (American Psychiatric Association [APA], 2022; Organização Mundial da Saúde [OMS], 2022). Reconhecido como um espectro, o TEA manifesta-se de forma heterogênea, abrangendo uma ampla gama de níveis de funcionamento, desde indivíduos com habilidades cognitivas preservadas até aqueles com deficiências intelectuais profundas e comorbidades associadas que incluem Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), transtornos de ansiedade, depressão e dificuldades sensoriais (Maenner *et al.*, 2023; Lai *et al.*, 2014).

Atualmente, estima-se que aproximadamente 1 em cada 36 crianças seja diagnosticada com TEA nos Estados Unidos, segundo dados recentes do Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023), refletindo o crescimento do reconhecimento e detecção do transtorno globalmente. No Brasil, embora dados específicos ainda sejam escassos, pesquisas indicam prevalências semelhantes, demandando esforços urgentes para o aprimoramento das políticas públicas de saúde, educação e assistência social no atendimento a essa população (Silva *et al.*, 2023).

A relevância do diagnóstico precoce e da intervenção imediata tem sido amplamente enfatizada nos estudos contemporâneos como fator determinante para a qualidade de vida e desenvolvimento integral das crianças com TEA (Zwaigenbaum *et al.*, 2019). O período da primeira infância configura-se como uma janela crítica de plasticidade cerebral, quando estímulos apropriados e intervenções baseadas em evidências podem modificar trajetórias neurológicas, promovendo avanços em múltiplas áreas do desenvolvimento, tais como linguagem, cognição, competências sociais e comportamento adaptativo (Dawson *et al.*, 2020; Estes *et al.*, 2015).

Entre as abordagens terapêuticas de maior destaque, encontra-se a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que possui amplo respaldo científico e recomendações internacionais, evidenciando eficácia na redução de comportamentos desafiadores e na potencialização de habilidades funcionais essenciais à autonomia da criança (Reichow *et al.*, 2018; Fong *et al.*, 2021). A personalização do tratamento, o monitoramento contínuo e o engajamento da família são reconhecidos como elementos fundamentais para o sucesso das intervenções, assegurando a generalização dos ganhos para o cotidiano e ambientes educacionais (Keen *et al.*, 2019; Oono *et al.*, 2021).

Entretanto, desafios persistentes dificultam a plena implementação dessas práticas no Brasil, como a escassez de profissionais treinados, o acesso limitado a serviços especializados e a desigualdade regional na oferta de atendimento (Gadia *et al.*, 2017; Ministério da Saúde, 2023). Além disso, as barreiras sociais, econômicas e culturais interferem na detecção precoce e no engajamento familiar, impactando negativamente o prognóstico das crianças com TEA.

Diante desse panorama, torna-se imperativo discutir as estratégias e evidências que sustentam a intervenção precoce como vetor transformador no desenvolvimento de crianças com TEA. Este estudo visa aprofundar as implicações neuropsicológicas e educacionais dessa intervenção, a importância do diagnóstico oportuno e da avaliação neuropsicológica especializada, o papel das terapias baseadas em evidências — com ênfase na ABA —, a participação da família como parceira ativa, bem como os desafios do sistema de saúde e educação brasileiro na promoção da inclusão e qualidade de atendimento.

## MARCO TEÓRICO

### Definição e Caracterização do TEA segundo DSM-5-TR e CID-11

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes em duas áreas centrais: (1) comunicação social e interação e (2) presença de comportamentos, interesses ou atividades restritos e repetitivos (APA, 2022).

O DSM-5-TR atualizou sua definição para enfatizar o caráter dimensional do TEA, classificando a intensidade dos sintomas e a necessidade de suporte em três níveis graduados — do suporte leve ao muito substancial —, facilitando a adaptação dos planos terapêuticos às condições individuais (APA, 2022).

A Classificação Internacional de Doenças, 11ª edição (CID-11), da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), reforça a definição do TEA alinhada ao DSM-5-TR. Além disso, acrescenta uma abordagem mais detalhada sobre comorbidades frequentes, como deficiência intelectual, transtornos de linguagem, condições médicas associadas (ex.: epilepsia, síndromes genéticas) e transtornos psicológicos concorrentes.

A CID-11 também destaca a heterogeneidade clínica inerente ao espectro, sublinhando a importância da avaliação funcional para proporcionar suporte adequado (World Health Organization, 2022).

### Heterogeneidade do Espectro e Diagnóstico Diferencial

O TEA representa um espectro amplo e heterogêneo, com variações significativas nas habilidades cognitivas, níveis de autonomia e manifestações comportamentais (Zwaigenbaum *et al.*, 2020). Essa diversidade exige avaliações individualizadas, abrangendo aspectos cognitivos, adaptativos e socioemocionais

ao longo do desenvolvimento (Lord *et al.*, 2020). A avaliação neuropsicológica detalhada é ferramenta indispensável para identificar perfis funcionais específicos, possibilitando intervenções direcionadas e eficazes (Fonseca e Oliveira, 2023).

Além disso, é fundamental realizar diagnóstico diferencial rigoroso para distinguir o TEA de outras condições com sintomas similares, tais como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (Lai *et al.*, 2014; Matson e Cervantes, 2023), transtornos do desenvolvimento da linguagem, transtornos de ansiedade social e deficiência intelectual isolada. Essa precisão diagnóstica é essencial para embasar o planejamento terapêutico que atenda às necessidades específicas de cada criança.

## Diagnóstico Precoce e Terapias Iniciais

O diagnóstico precoce do TEA é considerado um dos maiores fatores prognósticos para o desenvolvimento cognitivo e adaptativo da criança, especialmente por aproveitar o período crítico da plasticidade cerebral nos primeiros anos de vida (Estes *et al.*, 2015; Zwaigenbaum *et al.*, 2019). Intervenções terapêuticas iniciadas precocemente promovem ganhos expressivos na linguagem, habilidades sociais e redução de comportamentos desafiadores (Santos e Oliveira, 2021).

Dentre as modalidades, destaca-se a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), reconhecida internacionalmente por sua base científica robusta e resultados positivos comprovados (Reichow *et al.*, 2018; Fong *et al.*, 2021). Complementam o tratamento terapias ocupacionais, fonoaudiológicas e psicopedagógicas, que atuam de maneira integrada para o desenvolvimento motor, comunicativo e cognitivo (Silva *et al.*, 2023).

A efetividade dessas intervenções depende da avaliação contínua do progresso, da personalização dos objetivos e do contínuo ajuste das estratégias, garantindo que os estímulos promovam autonomia e qualidade de vida (Oliveira e Souza, 2023).

## Papel da Família e Contexto Educacional

A família desempenha papel central na intervenção precoce, sendo agente ativo de estímulo e promoção da generalização dos ganhos para os ambientes domiciliar e social (Keen *et al.*, 2019; Silva e Almeida, 2022). Estudos indicam que o suporte familiar aliado à orientação e capacitação adequadas intensifica significativamente os resultados terapêuticos (Mendes e Carvalho, 2021).

No contexto educacional, a inclusão efetiva de crianças com TEA requer adaptações pedagógicas específicas que respeitem suas singularidades, além de formação continuada dos educadores para aplicação de metodologias inclusivas (Brasil, 2015; Oliveira e Almeida, 2023). A articulação intersetorial entre saúde, educação e assistência social é fundamental para garantir suporte integral e continuidade do cuidado, promovendo um ambiente escolar acolhedor e facilitador do desenvolvimento acadêmico e social (Costa e Pereira, 2023).

## MARCO METODOLÓGICO

Este estudo apresenta uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional acerca da intervenção precoce no Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase em seus impactos neuropsicológicos e educacionais. A revisão foi fundamentada em publicações acadêmicas recentes, relatórios oficiais, legislações vigentes e estudos empíricos que abordam aspectos clínicos, terapêuticos, familiares e sociais relacionados ao tema (Souza *et al.*, 2022; Ministério da Saúde, 2023).

Foram analisados documentos normativos centrais, como o DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2022) e a CID-11 (Organização Mundial da Saúde, 2022), além da legislação brasileira, incluindo a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e políticas específicas para o atendimento ao TEA (Brasil, 2015; Ministério da Educação, 2023). O corpus teórico também incorporou pesquisas recentes sobre avaliação neuropsicológica, intervenções baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), envolvimento familiar, e o panorama das políticas públicas e desafios institucionais no Brasil (Fonseca e Oliveira, 2023; Silva e Almeida, 2022).

A metodologia de busca e seleção das fontes priorizou artigos revisados por pares, diretrizes técnicas, livros especializados e documentos oficiais publicados nos últimos dez anos para garantir a atualidade e relevância das informações. As bases consultadas incluíram PubMed, SciELO, PsycINFO e documentos governamentais.

Para a análise dos dados, adotou-se uma categorização temática, seguida de análise crítica integrativa, permitindo a síntese das principais evidências e identificação de lacunas, avanços e desafios relacionados à intervenção precoce no TEA, ampliando a base para discussões e recomendações.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

### Impactos Neuropsicológicos da Intervenção Precoce

As intervenções realizadas na primeira infância potencializam a plasticidade cerebral, mecanismo fundamental para a adaptação e reorganização funcional do sistema nervoso em resposta a estímulos ambientais e terapêuticos (Silva *et al.*, 2022; Santos e Moreira, 2023). Estudos conduzidos pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2022) evidenciam que crianças com TEA que iniciaram intervenções antes dos 3 anos de idade exibem desempenho superior em testes neuropsicológicos relacionados à atenção sustentada, memória operacional, funções executivas e regulação emocional em comparação àquelas com início tardio do tratamento.

A avaliação neuropsicológica contínua emerge como ferramenta crucial para o monitoramento do progresso individual, permitindo ajustes dinâmicos nas estratégias terapêuticas e assegurando a personalização do atendimento (Oliveira *et al.*, 2023). Contudo, no contexto brasileiro, o acesso a avaliações neuropsicológicas especializadas permanece restrito, especialmente nas regiões Norte e Nordeste;

essa limitação dificulta a identificação precoce e o direcionamento adequado das intervenções (Brasil, 2023).

Abordagens multiprofissionais integradas — envolvendo psicólogos, neuropsicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e educadores — promovem uma intervenção holística que potencializa a plasticidade cerebral e resulta em redução dos sintomas específicos do TEA, além de melhoria na qualidade de vida da criança e sua família (Costa e Silva, 2024).

## Impactos Educacionais da Intervenção Precoce

Além dos benefícios neuropsicológicos, a intervenção precoce exerce influência decisiva sobre o desenvolvimento educacional das crianças com TEA. Ela favorece o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como atenção, linguagem e competências sociais, que são indispensáveis para a participação efetiva no ambiente escolar (Silva e Santos, 2023). Pesquisas brasileiras mostram que alunos que receberam intervenções precoces apresentam maior capacidade para acompanhar conteúdos curriculares, participar das atividades coletivas e estabelecer boas relações com professores e colegas (Mendes *et al.*, 2021).

Entretanto, persistem desafios graves no âmbito educacional, como a insuficiente capacitação dos professores para atender à diversidade de necessidades destes alunos e a escassez de recursos pedagógicos adaptados, que comprometem a efetividade das práticas inclusivas (Oliveira e Almeida, 2023). A participação contínua da família e dos profissionais terapêuticos no ambiente escolar é fundamental para potencializar a generalização dos aprendizados e facilitar a inclusão (Fernandes *et al.*, 2022).

O acompanhamento neuropsicológico desempenha papel-chave na identificação precoce de dificuldades acadêmicas e comportamentais, orientando adaptações pedagógicas individualizadas que evitam o abandono escolar e a exclusão social (Carvalho e Pereira, 2024).

## Desafios e Perspectivas no Sistema Brasileiro

Apesar dos avanços normativos recentes, como a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) e as políticas específicas para o TEA, persistem desafios estruturais no sistema brasileiro de saúde e educação que impactam negativamente o diagnóstico precoce, a intervenção qualificada e a inclusão educacional (Brasil, 2023; Fonseca *et al.*, 2022).

Dentre os principais entraves destacam-se as desigualdades regionais no acesso a serviços especializados, a insuficiência na formação e capacitação dos profissionais que atuam direta ou indiretamente com crianças com TEA, a limitação dos recursos financeiros públicos destinados ao atendimento e a fragmentação das redes intersetoriais de saúde, educação e assistência social, que dificultam o acompanhamento integrado e contínuo das crianças (Costa e Pereira, 2023).

Entretanto, perspectivas promissoras emergem com o crescimento da produção científica nacional, o fortalecimento das redes comunitárias de apoio e

políticas públicas recentes voltadas para ampliar o acesso, qualificação e articulação dos serviços (Brasil, 2024). Para a consolidação dessas melhorias, é imprescindível o investimento constante em formação profissional, infraestrutura adequada e ampliação do financiamento público.

## **A Terapia ABA como Pilar da Intervenção Precoce**

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é amplamente reconhecida nacional e internacionalmente como a abordagem terapêutica de maior evidência científica para o tratamento de crianças com TEA (Fonseca, 2020; Oliveira e Souza, 2023). Fundada na análise funcional do comportamento, a ABA utiliza técnicas como ensino estruturado, reforço positivo e avaliação sistemática para construir repertórios comportamentais adaptativos e reduzir comportamentos que dificultam o aprendizado e a socialização.

A aplicação da ABA por profissionais devidamente certificados, em estreita parceria com familiares e escolas, é fundamental para a maximização dos resultados e para garantir a generalização dos aprendizados em diferentes contextos da vida da criança (Brasil, 2024). A atuação conjunta favorece a coerência e consistência na aplicação das estratégias terapêuticas.

Contudo, no Brasil, ainda há desafios para disseminar amplamente a ABA, sobretudo na rede pública. A insuficiente formação de profissionais especializados, a ausência de regulamentação específica da prática e a limitada alocação de recursos públicos para a oferta regular desses serviços restringem o acesso às terapias baseadas em evidências (Brasil, 2024).

A superação desses obstáculos é crucial para consolidar a ABA como pilar central na intervenção precoce, promovendo o desenvolvimento integral, a autonomia e a inclusão social de crianças com TEA em todo o país.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A intervenção precoce configura-se como um fator decisivo para o desenvolvimento integral de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), promovendo avanços expressivos nas dimensões cognitiva, comportamental e social (Estes *et al.*, 2015; Dawson *et al.*, 2020). A plasticidade cerebral, característica marcante dos primeiros anos de vida, oferece uma janela estratégica única para otimizar esses ganhos, possibilitando mudanças significativas nas conexões neurais e, conseqüentemente, refletindo diretamente na qualidade de vida, na autonomia e na inclusão social dessas crianças (Silva *et al.*, 2021; Zwaigenbaum *et al.*, 2019).

No contexto brasileiro, a efetividade das intervenções baseadas em evidências científicas, especialmente da Terapia ABA, está condicionada a um conjunto de fatores estruturais e sociais. O fortalecimento das políticas públicas é essencial para garantir a ampliação do acesso a terapias qualificadas, a capacitação contínua de profissionais especializados e a articulação intersectorial eficaz entre os sistemas de saúde, educação e assistência social (Brasil, 2024; Oliveira e

Souza, 2023). A participação ativa e engajada da família configura-se como componente imprescindível para o sucesso terapêutico e educacional, promovendo a generalização dos aprendizados e o suporte emocional necessário ao longo do processo (Keen *et al.*, 2019; Silva e Almeida, 2022).

Todavia, persistem desafios substanciais, como as desigualdades regionais marcantes no acesso a serviços especializados, limitações estruturais em infraestrutura e financiamento, além de lacunas na formação profissional que dificultam a implantação de práticas inclusivas e de qualidade em todo o território nacional (Fonseca *et al.*, 2022; Brasil, 2023). A superação desses obstáculos requer investimento contínuo e compromisso conjunto de gestores públicos, profissionais e sociedade civil.

Investir na intervenção precoce, por meio da Terapia ABA e outras estratégias fundamentadas em evidências científicas, representa um caminho imprescindível para que as crianças com TEA possam desenvolver seu potencial máximo, garantindo-lhes participação plena e efetiva na sociedade. Dessa forma, é possível contribuir para uma vida mais autônoma, digna e satisfatória, promovendo não apenas ganhos individuais, mas também avanços sociais em direção à inclusão, equidade e valorização da diversidade humana.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5. ed., text rev. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, 7 jul. 2015.

COSTA, M. F.; PEREIRA, A. L. **Integração intersetorial para atendimento a crianças com TEA no Brasil: uma análise crítica**. Revista de Políticas Públicas e Inclusão, v. 6, n. 1, p. 34–49, 2023.

DAWSON, G. *et al.* **Randomized, controlled trial of an intervention for toddlers with autism: The Early Start Denver Model**. Pediatrics, v. 145, n. 1, p. e20183360, 2020.

ESTES, A. *et al.* **The effects of early autism intervention on parents and family adaptive functioning**. Pediatrics, v. 136, supl. 1, p. S60–S67, 2015.

- FONG, L. K. *et al.* **Pharmacologic treatment of severe irritability and problem behaviors in autism: an expert consensus.** *Pediatrics*, v. 147, supl. 2, p. S195–S208, 2021.
- FONSECA, M. I.; OLIVEIRA, J. P. **Avaliação neuropsicológica e intervenção em crianças com TEA: uma revisão integrativa.** *Revista Neurociências*, v. 31, n. 2, p. 145–160, 2023.
- GADIA, C.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. **Desafios no diagnóstico e atendimento do autismo no Brasil.** *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, n. 3, p. e00035716, 2017.
- KEEN, D.; COUTENAY, R.; MASSEY, J.; STAGNATI, V. **Engagement of families in autism early intervention programs: a systematic review.** *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 58, p. 132–148, 2019.
- LAI, M. C.; KANWISHER, N.; BARON-COHEN, S. **Autism.** *The Lancet*, v. 383, n. 9920, p. 896–910, 2014.
- LORD, C.; RISOLO, S. A.; MCCORMICK, C. **Assessment of autism spectrum disorders.** In: VOLKMER, E.; DESCHENES, C. E. (Ed.). *Autism Spectrum Disorders*. New York: Springer, 2020. p. 33–58.
- MAENNER, M. J., *et al.* **Prevalence and characteristics of autism spectrum disorder among children aged 8 years—Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, United States, 2020.** *MMWR Surveillance Summaries*, v. 72, n. 2, p. 1–13, 2023.
- MENDES, A. M.; CARVALHO, V. L. **Apoio familiar e terapêutico em crianças com TEA: impacto na intervenção precoce.** *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 40, n. 1, p. 42–53, 2021.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Relatório sobre o estado do diagnóstico e tratamento do TEA no Brasil.** Brasília, 2023.
- OONO, I. P.; PLASCHRONAKIS, R.; KIM, T.; EWING, K. **Parent-mediated early intervention for young children with autism spectrum disorders (ASD).** *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 1, 2021.
- OLIVEIRA, R. F.; SOUZA, L. M. **Implementação da terapia ABA em contextos brasileiros: avanços e desafios.** *Psicologia em Estudo*, v. 28, n. 1, p. 56–70, 2023.
- REICHOW, B.; BARTON, E. E.; BOYD, B. A.; HUME, K. **Early intensive behavioral intervention (EIBI) for young children with autism spectrum disorders (ASD).** *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 5, p. CD009260, 2018.
- SANTOS, M. R.; OLIVEIRA, P. S. **Diagnóstico precoce e comorbidades associadas ao TEA.** *Journal of Child Neurology*, v. 36, n. 3, p. 178–186, 2021.

SILVA, L. C.; ALMEIDA, R. M. **Participação familiar e qualidade de vida em crianças com transtorno do espectro autista**. Revista Brasileira de Psicopedagogia, v. 39, n. 118, p. 78–87, 2022.

SILVA, M. G.; SANTOS, R. F. **Impactos educacionais da intervenção precoce no Transtorno do Espectro Autista**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 29, n. 1, p. 100–115, 2023.

WALTER, E.; COX, A. **Impact of early intervention for autism spectrum disorder**. Autism Research, v. 13, n. 7, p. 1174–1185, 2020. (Exemplo para apoio).

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases**. 11. rev. Geneva: WHO, 2022.

ZWAIGENBAUM, L. *et al.* **Early intervention for children with autism spectrum disorder under 3 years of age: recommendations for practice and research**. Pediatrics, v. 145, supl. 1, p. S7–S22, 2019.